

O ENSINO DE FILOSOFIA PARA AS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Claudio Neves Lopes¹

RESUMO

Baseado em teorias explícitas de obras, analisa-se sobre a importância do ensino da Filosofia para crianças desde pequenas, para seu desenvolvimento intelectual e formação da consciência crítica. Para isso é preciso uma adaptação curricular e motivação, não somente por parte dos alunos, mas também dos profissionais da educação. Assim, o presente artigo nos mostra subsídios de como trabalhar de forma interdisciplinar a Filosofia, tendo como objetivo a investigação própria do aluno resultando em um ensino- aprendizagem mais significativo trazendo melhores resultados na educação.

Palavras-chave: Filosofia. Criança. Desenvolvimento. Educação.

ABSTRACT

Based on explicit theories of works, it is analyzed the importance of the teaching of Philosophy for children from small, for their intellectual development and formation of the critical conscience. This requires a curricular adaptation and motivation, not only on the part of the students, but also of the education professionals. Thus, the present article shows us how to work in an interdisciplinary way in Philosophy, aiming at the student's own research, resulting in a more meaningful teaching-learning bringing better results in education.

Keywords: Philosophy. Child. Development. Education.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade compreender o processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Filosofia para as séries iniciais do Ensino Fundamental. O seu objetivo é inerente à necessidade de aprofundamento teórico na área do ensino de Filosofia para alunos das primeiras séries do Ensino Fundamental.

O tema escolhido foi devido à falta de compreensão da valorização deste ensino na vida do educando e como se dá o processo de ensino- aprendizagem visando à filosofia desde o início da vida escolar.

A pesquisa abordará além do que foi mencionado acima, a dificuldade do professor em aplicar conteúdos adequados para a idade do aluno de forma

¹ Licenciado em Filosofia pela Universidade de Santos.

interdisciplinar aplicando a filosofia como forma de despertar o desenvolvimento crítico e reflexivo, pressupostos da formação autônoma do educando.

Segundo Canan e Real (2003) a “filosofia entra a partir de vivências e do diálogo filosófico”. Analisamos então a partir desta concepção, que a filosofia acontece nas experiências diárias dos alunos, nos diálogos com os adultos em que esta filosofia pode ser despertada diariamente entre as ações do professor e educando, ao despertar o conhecimento no aluno por meio de desafios, valorizando o conhecimento prévio de cada indivíduo.

Para que os aconteça um melhor desenvolvimento da aprendizagem dos alunos no âmbito escolar, a escola deverá propor um espaço adequado com estímulos propícios de acordo com a fase dos alunos, a fim de que com as indagações destes em forma de pesquisas, leituras, discussões e experiências, vão construindo sua própria autonomia.

Sobre essa concepção se destaca que “as crianças fazem filosofia e para Platão a educação é conduzida não pela coação, mas pelo prazer” (LIPMAN, 1990, p.32).

Na concepção do autor citado acima, o ensino de filosofia para crianças está voltado para o desenvolvimento intelectual por meio de estímulos dentro do contexto educacional, visando o aprendizado de conceitos e o desenvolvimento da investigação própria do aluno, tornando-o com o espírito crítico e realizado não por obrigação e sim por prazer.

A filosofia não é somente para crianças, mas também para adultos, na qual deve sempre treinar seu ato de filosofar no intuito de ser mais reflexivo e ético na sociedade em que está inserida.

DESENVOLVIMENTO

Este trabalho pretende expressar antes de tudo um desejo que, talvez seja o desejo da maioria dos educadores brasileiros: uma educação de qualidade e é evidente que tem um sentido de deixar um mundo melhor para nossos filhos.

Para isso se faz necessário a destruição de muitos conceitos e a reconstrução ou ressignificação dos mesmos. Durante o nosso curso de licenciatura em filosofia, percebemos que uma nova educação necessariamente perpassa pelo mundo racional

dessa disciplina. Assim, se faz necessário que o exercício filosófico comece a ser feito realizado logo nos primeiros anos do ensino fundamental.

Na busca de um mundo diferente sem preconceitos raciais, o grande ativista e herói do povo africano Nelson Mandela já acreditava que a educação podia formar pessoas de diferentes. Segundo ele: “ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se pode aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar” (MANDELA, 1995).

Mandela deixa claro que um mundo melhor passa pela educação e é possível preparar crianças para um mundo melhor a partir da educação formal e informal. Em outro momento, Mandela afirma que “a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo” (ibid.). É nesse desejo que pensamos na importância do ensino de filosofia já nas séries iniciais do ensino fundamental. E para melhor fundamentação dessa discussão busca-se verificar os primórdios de nossa história.

Historicamente no mundo primitivo, a maior preocupação do homem era com a sobrevivência. Não havia educação formal. A educação era informal e hereditária. No mundo nômade, havia a necessidade do aprendizado para sobrevivência.

Após a revolução agrícola, surgiu a necessidade de guardar os alimentos e de maior controle da produção. Assim, nasce a escrita e com ela o aparecimento da educação como preocupação com o futuro. No entanto, do Egito antigo, passando pelo mundo grego e romano, pela idade média chegando até Comenius, o pai da Didática, que viveu no século VI, não havia estudo organizado em disciplinas como temos hoje. Por essa razão, tanto o estudo informal como o formal, quando passou a existir, era pensado de forma integral e objetivava preparar o futuro homem para a vida.

No Egito antigo já se tem a formação dos escribas, que seriam os responsáveis pela notificação da produção para que o faraó tivesse o controle do poder.

A educação do Egito se dá de uma forma mnemônica, repetitiva, sempre baseada na escrita. O ensinamento é voltado para a formação do homem político, sua educação é direcionada para o falar, depois ser obediente e enfim saber valorizar a educação (MARTINS, 2009, p.1).

Desta forma, direciona-se para o falar como prioridade, se faz necessário que esse homem pense. Até porque o tipo de educação egípcia também se direcionava para a

obediência, e aquele que contrariasse poderia perder a vida, sobretudo se estivesse a serviço do faraó.

Portanto, a educação que já era necessidade nesse primeiro momento da antiguidade não preparava para democracia nem tão pouco para equidade como pensamos hoje, mais era de fundamental importância para aqueles que tinham acesso e estavam a serviço do poder dominante desde cedo se direcionasse como projeto de preparação do homem futuro.

No mundo Grego, especialmente na cidade-Estado de Esparta, povo que privilegiava a guerra como melhor forma de sobreviver na região, as crianças a partir dos 7 anos de idade já eram obrigadas a deixar pai e mãe e ir para um local de treinamento especial com objetivo de ser um grande guerreiro.

Fora as particularidades de cada cidade estadas se baseavam na visão integral do homem e com suas individualidades.

A educação do homem grego – a Paideia – visava formar um elevado tipo de homem. Diferente da concepção oriental, em que o homem ideal era considerado alguém sobre-humano, uma espécie de homem-deus que ultrapassava a medida natural, a Grécia apresentou uma nova visão de homem, em que ele era a medida das coisas. Os grandes sábios da Grécia, ao contrário dos do Oriente, não eram considerados enviados dos deuses, profetas ou homens sagrados, e sim mestres independentes e formadores de seus ideais. Era um ambiente onde a liberdade de pensamento predominava (CRUZ, 2007, p.1).

Esse homem grego é preparado para pensar e pensar a partir de uma concepção moral que visava preparar um cidadão que deliberava sobre o futuro da Polis, que segundo Aristóteles teria como fim o bem-estar de todos.

Na cidade-Estado de Atenas, existe toda uma preocupação com a formação do homem em sua totalidade, mais com uma ênfase maior na formação cidadã. Por ser o berço da democracia, era necessário se formar um homem completo. Daí havia uma preocupação em preparar o corpo e a mente desse homem. As crianças, desde cedo tinha um escravo que os acompanhava como tutor.

A formação dos alunos nas escolas da polis passava pela orientação de um preceptor, um pedagogo — às vezes, um escravo instruído — e pelo aprendizado no ginásio com um paidotríba — um instrutor físico — para que fossem instruídos nas habilidades físicas, necessárias, sobretudo a um bom guerreiro. Como era dever do cidadão livre se envolver com os assuntos públicos de modo a bem conduzir a cidade, os filhos de famílias de posses poderiam ser encaminhados a um mestre sofista (GUIMARÃES, 2013, p.21).

Como observamos nessa citação, o cidadão livre tinha por obrigação se envolver com os assuntos públicos e sempre com o objetivo de conduzir bem a cidade. Mais isso não significar ignorar as outras dimensões da vida, como por exemplo, o cuidado com o corpo. Até por que em algumas regiões, como no caso específico de Esparta, já visto anteriormente, esses jovens desde criança eram preparados para guerra. Assim, a condição física era fundamenta. Lembrando sempre que nessa região sempre houve disputa por territórios. Nesse sentido o homem deve sempre está preparado na sua totalidade.

Falando sobre o período anterior ao século V, a.C., o autor cita o seguinte:

Essa educação é dada pelos adultos no próprio grupo social. Prepara-se nele para adquirir as qualidades: força física, coragem, senso de dever e de honra que convém aos guerreiros e se encarnam nos grandes ancestrais divinos que se tomam por modelo. A partir do século V, com o desenvolvimento da democracia, as cidades terão o mesmo cuidado em formar os futuros cidadãos por meio dos exercícios corporais, ginástica e música, e por meio do espírito. Mas a vida democrática engendra lutas pelo poder: é necessário saber persuadir o povo, fazê-lo tomar toda essa ou aquela decisão na assembleia. É, portanto, necessário, caso se queira tornar-se um chefe do povo, adquirir a habilidade da linguagem. É a essa necessidade que há de responder o movimento sofístico (HADOT, 2004, p.30-31).

Nota-se que antes e depois do período democrático na Grécia antiga, o homem tem uma preparação para a vida a partir uma educação que tem seu início no convívio familiar e comunitário perpassando pela formalidade e, sempre visando à totalidade do homem. Embora não se fale de educação especificamente direcionada para crianças, supõe-se que o homem grego tinha uma preocupação com a sua formação desde a sua infância. É claro que essa educação tem variações de acordo com a classe social e o sexo.

Contudo é importante frisar que a palavra “Paidéia” para os gregos tem um significado muito especial e pode nos ajudar na compreensão a ideia de propor o ensinamento de filosofia já nas séries iniciais do ensino fundamental. Segundo Abbagnano (1998),

a palavra que os gregos denominaram Paidéia está relacionada à palavra cultura – no significado referente à formação da pessoa humana individual, e que os latinos, na época de Cícero e Varrão, “[...] indicavam com a palavra humanitas: educação do homem como tal, ou seja, educação devida às “boas artes” peculiares do homem, que o distinguem de todos os outros animais. As boas artes eram a poesia, a eloquência, a filosofia etc.[...]” (ABBAGNANO,1998, p. 225). A ampliação do conceito fez com que designasse o resultado do método educativo que se prolonga por toda vida,

muito para além dos anos escolares (ABBAGNANO,1998 apud COSTA; SANTA BÁRBARA, 2015, p.4).

Fica bastante evidente a formação filosófica, não como algo separado, mas como algo integrante de uma totalidade. Outro detalhe é que se pensava educação para toda vida, processo contínuo e permanente.

No mundo Romano, antes de falar de educação de criança se faz necessário lembrar um detalhe que é importante para nossa discussão. Roma teve como texto base da educação as Doze Tábuas, escrito em bronze e exposto, publicamente no fórum no ano de 451 a.C. Nela destacava-se o valor da tradição que compreende o espírito, os costumes, a disciplina dos pais (CAMBI, 1999 apud COSTA; SANTA BÁRBARA, 2015, p. 04).

Neste contexto não se pode pensar em educação e como ela é feita, desconhecendo esse detalhe, que nada mais é do que uma integração ou a visão de mundo levando em conta a totalidade. Como nesse período ainda não havia a separação que se tem hoje em disciplina, só se compreende a educação como algo integrado em sua totalidade de dimensões da vida. Com outras palavras, naturalmente se havia uma integração nas discussões educativas.

Desse ponto de vista também a educação Romana, como as demais da antiguidade clássica no aspecto de integralidade serve para nos motivar a pensar uma educação filosófica para nossas crianças já a partir do ensino fundamental. Sobretudo quando percebemos que “as tábuas traziam uma educação voltada para a dignidade, a coragem, a firmeza como valores máximos” (COSTA; SANTA BÁRBARA, 2015).

A lei das doze tribos foi uma conquista da plebe e por isso, a importância para as futuras gerações romanas. Dessa forma, “no centro deste processo Catão colocou a família, o papel prioritário do pai e sua função de guia e de exemplo.” (COSTA; SANTA BÁRBARA, 2015). Parece que para os romanos as futuras gerações não devia perder a memória de luta do seu povo.

CONCEITOS DE APRENDIZAGEM

O termo aprendizagem vem sendo estudado cientificamente desde o século passado, porém tem se discutido no âmbito escolar e no meio acadêmico efetivamente

entre as décadas de 1950 e 1970. Conforme estudos várias definições foram apresentadas, buscando explicar o processo de aquisição da aprendizagem.

Bossa (2000) coloca que a aprendizagem implica numa relação bilateral, tanto da pessoa que ensina como da que aprende. Dessa forma, a aprendizagem é mais bem definida como um processo evolutivo e constante.

Existe uma infinidade de conceitos sobre a aprendizagem, assim como uma diversidade de autores que discorreram sobre o tema, mas para concluir essa explanação selecionamos a seguinte síntese:

A aprendizagem pode ser definida, portanto, como um processo de transformação interna significando o termo transformação a participação ativa do sujeito no processo das representações mentais sob a influência de novos saberes. No entanto, essa definição da aprendizagem pode levar a entender que o sujeito só aprende aquilo que inventa por si mesmo; nenhum saber pode ser redescoberto ou reinventado pelos alunos (BLIN; GALLAIS-DEULOFEU, 2005, p. 79).

O despertar do desejo de aprender surge diretamente na relação de um sujeito com o outro acontecendo primeiramente com a família e depois com o educador, que será responsável em estimular neste sujeito a continuidade da aprendizagem. Bossa (2000) acredita que o aluno necessita de incentivos para se sentir atraído pela escola, pois esta é a pedra fundamental do sucesso e da satisfação do aprender.

Toda aprendizagem é vista como um sistema dinâmico de interação, pois é um processo humano, biológico, intelectual, emocional e social, todos se inter-relacionando e nada acontecendo isoladamente.

O conhecimento é construído pelo aluno através da interação social, que lhe permite interpretar a realidade e construir significados. A aprendizagem, enquanto processo de construção, define-se como um efeito que a partir de uma articulação de esquemas, sugere que diferentes dimensões coexistem para possibilitar ao ser humano configurar uma dinâmica própria do funcionamento.

A escola é o único lugar privilegiado para a construção do conhecimento sistemático. A aprendizagem escolar é uma atividade planejada, intencional, onde o conhecimento é transmitido por meio do ensino no processo de transmissão e assimilação. Por isso, aprendizagem e ensino são binômios indissociáveis. Um não existe sem o outro. Não há ensino se não há aprendizagem.

Ao contrário do que acontece, o processo de ensino deve ser concebido como um conjunto de atividades estruturadas do docente para os educandos objetivando o desenvolvimento das capacidades.

Neste sentido Paulo Freire (1999) salienta que:

Nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado e apreendido na sua razão de ser e, portanto aprendido pelos educandos (FREIRE, 1999, p. 29).

O autor enfatiza que ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes, foi novo e se fez velho e se dispõe a ser ultrapassado por outro amanhã.

O processo de ensino aprendizagem não pode ser tratado como algo isolado e único no espaço da sala de aula. Faz-se necessário que o trabalho educacional transcenda os muros da escola com práticas educativas que enlace o contexto social do educando, proporcionando-lhe condições para o desenvolvimento da capacidade de aprender. Para assim trazer novos conhecimentos que possam ser utilizados na resolução de problemas, buscando uma da reflexão mais crítica da realidade.

De acordo com as considerações feitas pelos autores citados, pode se afirmar que, a aprendizagem significativa parte da experiência e dos conhecimentos do aluno, valoriza a prática e a experiência pessoal discente no processo de construção do saber e traz para o docente a função de mediar o aluno na construção do conhecimento do modo mais autônomo e pessoal possível.

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS DO ENSINO DE FILOSOFIA COMO FORMA INTERDISCIPLINAR

A Filosofia deve ser sempre bem vinda ao início da vida escolar, a fim de que com essa prática os educandos adquiram uma melhor facilidade de aprender outras matérias expostas pelo currículo: como o ensino de artes, história, geografia, letras e matemática.

Todas essas considerações são relevantes para o aprendizado da leitura e escrita, além de outros conceitos tais como: desenvolvimento cognitivo, raciocínio lógico e habilidades de pensamento por si próprio, uma vez que essas habilidades fazem com que o aluno adquira um pensamento melhor, mais lógico, coerente e com melhor

produtividade, contribuindo para o desenvolvimento da racionalidade. Essas são habilidades que de acordo com Lipman (1990), nós já temos, necessitando somente de estímulos para serem melhores desenvolvidos.

Trabalhar esses estímulos de Filosofia nos educandos das séries iniciais do Ensino Fundamental, não se torna muito complexo, pois já é de natureza deles a instigação, onde querem saber de tudo, querendo saber sobre sua existência e do mundo que o cerca.

Há várias maneiras do professor na sala de aula induzir o aluno a pensar. Uma das metodologias associa-se ao ensino da arte, na qual estuda tudo que nos rodeia e que desperta além da curiosidade, a criatividade nos alunos.

Lipman (1990, p.196), nos deixa explícito: “a filosofia é uma forma de arte; comportamento filosófico é, portanto, complemento artístico, e o comportamento artístico produzem obras de arte que revelam criatividade”.

Corroborando com o exposto acima, pode-se dizer que os estímulos filosóficos poderão ser realizados com diversas ferramentas e metodologias significativas para o aprendizado dos alunos.

Poderá iniciar-se a exploração da Filosofia na sala de aula, com temas da curiosidade e necessidade dos educandos, uma vez que caberá ao professor instigar o aluno e seduzi-lo a pesquisa, á dialogarão dentro da sala de aula, a sua busca de novas respostas.

Na rotina diária, o professor deve estimular a criança a se expor, falar o que sente o que trouxe de novidade para a sala de aula e compartilhar esse momento por meio da socialização entre professor e aluno, tornando-se assim uma rotina diversificada, ao invés de monótona e cansativa.

Algumas ferramentas pedagógicas que auxiliam os alunos a capacidade de se expressarem significativamente, refletindo sobre conceitos e valores existentes, associa-se em momentos de experimentações por meio de atividades práticas e expressivas como: canto, música, dança poesia, pintura, contos, literatura e outros.

Falando-se ainda em Filosofia na sala de aula como uma metodologia significativa para o aprendizado do aluno, Canan e Real (2003) explicitam que a “filosofia entra a partir de vivências e do diálogo filosófico”. Diante do exposto, percebe-se que a Filosofia acontece nas experiências diárias dos alunos, nos diálogos

com os adultos, em que esta pode ser despertada entre as ações do professor e educando, ao despertar o conhecimento por meio de desafios, valorizando o conhecimento prévio de cada indivíduo.

Segundo Piaget (1996)

A 'escola ativa' baseia-se na ideia de que as matérias a serem ensinadas à criança não devem ser impostas de fora, mas redescobertas pela criança por meio de uma verdadeira investigação e de uma atividade espontânea. 'Atividade' se opõe, assim, à receptividade. A educação moral ativa supõe, conseqüentemente, que a criança possa fazer experiências morais e que a escola constitui um meio próprio para tais experiências (PIAGET, 1996, p.20).

O fazer filosofia na sala de aula, exige além do diálogo, também que o professor a partir de sua metodologia desperte no aluno o interesse em adquirir mais conhecimento. O ideal não é este levar tudo pronto e acabado e sim tornar sua sala de aula em um ambiente investigador, na qual os alunos deverão ter o prazer em redescobrir as respostas de acordo com suas curiosidades.

Esclarecendo-nos sobre essa ideia Canan e Real (2003):

Na interação do professor com o aluno, os dois constroem conhecimento. O professor desafia o aluno, respeitando seu desenvolvimento (estrutura), levando em conta seus interesses, experiências, meio em que vive, etc. Por outro lado, o aluno age sobre o objeto de conhecimento. Como nos propõe Piaget, é a ação que dá significado, é na interação do sujeito com o meio que este se desenvolve e aprende. A filosofia entra a partir de vivências e do diálogo filosófico (CANAN; REAL, 2003).

No entanto, analisamos que o fazer filosófico é realizado em todos os instantes, no nosso convívio social. E o nosso meio em que vivemos está em constantes transformações devido às diversas conquistas do homem, com suas modificações por meio da ciência e religião. Tudo isso é filosofia, na qual acontece por meio de comunicações e interações entre a humanidade.

Visto acima que a filosofia não serve somente para crianças, mas também para adultos, na qual deve sempre treinar seu ato de filosofar, no intuito de ser mais reflexivo, crítico e ético na sociedade em que está inserida.

Segundo Freire (1996) há uma grande importância na mediação entre professor e aluno com o objetivo de estimulação do aprendizado, uma vez que o educador tem que ter o compromisso e a responsabilidade dos seus atos de educar, não sendo o educador bancário, que apenas deposita o conhecimento no aluno e sim que faça da educação

libertadora, em que o professor deve aprender juntamente na interação com seus educandos.

A sala de aula deve ser um espaço de investigação, de cooperação, na qual um aprende com o outro. A criança ao se interagir e socializar-se, aprende a ouvir as diversas opiniões do outro e desenvolve seu próprio diálogo, expondo seu ponto de vista, iniciando então sua autonomia moral e intelectual.

Toda curiosidade de buscar o conhecimento, exige uma reflexão crítica e prática, de modo que o próprio discurso terá de ser aliada a sua aplicação prática. Embora, a educação deva ser autônoma, tanto por parte dos docentes quanto dos discentes, tendo em vista o aprendizado de qualidade.

Diante do argumento acima, Freire (1996) destaca:

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos (FREIRE, 1996, p.78).

O interessante é que o aprendizado não é somente dos alunos, mas também dos educadores que constroem esse conhecimento na socialização das atividades propostas pelo currículo escolar. De acordo com Lipman (1990), a escola deverá realizar um auto avaliação curricular a respeito das suas propostas educacionais. Para o autor, a instituição escolar deverá organizar um currículo apropriado para estimular melhor o pensamento no estudante. Embora ainda haja muitas escolas que não preparam os alunos para pensar e ainda utilizam o método tradicional, em que os alunos aprendem por meio da memorização dos conteúdos e não são estimulados a pensar.

Portanto, o ensino da filosofia deveria ser deixado de ser um assunto cujo adulto acredita ser tão complexo para crianças e adolescentes, a ser um assunto debatido nas escolas. Nas primeiras séries do ensino fundamental, baseando-se numa concepção otimista de que os educandos já trazem como conhecimento prévio as suas potencialidades próprias e que necessita de orientação pedagógica adequada, trabalhando com a realidade cotidiana, valorizando a realidade atual do meio em que se vive e que está em completa transformação.

Assim como o ensino das outras disciplinas, o ensino de Filosofia não tem uma receita a seguir, pois como vimos se trata do interesse, da realidade e do contexto dos alunos e também do compromisso dos profissionais que se sentem responsabilizados em

mudar a realidade da nossa sociedade, visando uma educação mais crítica e reflexiva para as futuras gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os argumentos apresentados a respeito do ensino-aprendizagem de Filosofia para alunos das séries iniciais do ensino fundamental, pode-se dizer que há uma grande importância de ensinamentos filosóficos para crianças e adolescentes que se encontram ainda nas primeiras séries de vida escolar.

A escola com todos os seus seguimentos de ensino deve analisar e adaptar seu currículo de ensino, visando melhorias no aprendizado dos alunos, partindo de uma concepção lógica e significativa para o desenvolvimento destes dentro do contexto educacional.

Os devidos resultados partem não somente do aprendizado dos alunos, mas também da flexibilidade de ensino e socialização escolar, facilitando então na maneira de ensinar do professor e no aprender do aluno, tendo em vista, uma concepção mais crítica, autônoma e com amplas visões da realidade em que vivemos.

No entanto, sabemos que a educação é dever do município e do estado, porém direito de todo brasileiro, e é inclusive assegurada pela LDB, e muitas vezes essa questão é ignorada pela sociedade. Tendo em vista que uma sociedade se transforma devido a vários fatores e um deles é a educação, e essa transformação começa desde a mais tenra idade.

Com isso pode-se dizer que a escola que tem como princípios e objetivos o ensino de Filosofia voltado para crianças e adolescentes, só se tem a ganhar com os resultados da aprendizagem de seus educandos.

Portanto, pode-se concluir a partir desta pesquisa, que o ensino de Filosofia é adquirido não somente para alunos do ensino médio, mas também para alunos com uma menor prática escolar, como os das séries iniciais do ensino fundamental, mudando e facilitando seu aprendizado com maior qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

BLIN, Jean; GALLAIS-DEULOFEU, Claire. **Classes difíceis**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BOSSA, Nádia A. **Dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CANAN, S. R.; REAL, L. M. C. **Filosofia na educação infantil é séries iniciais: pressupostos teóricos da construção da autonomia**. Revista de Ciências Humanas (Criciúma), Frederico Westphalen/RS, v. IV, p. 53-67, 2003.

COSTA, L. P.; SANTA BÁRBARA, R. B. **A educação da criança na idade antiga e média**. 2008. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2008/pdf/c008.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2015.

CRUZ, M. **A educação na Grécia Antiga**. 2007. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0146.html>>. Acesso em: 10 out. 2015.

DURANT, Will. **A História da Filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LIPMAN, Mathew. **A Filosofia vai à Escola**. São Paulo: Summus, 1990.

MANDELA, Nelson. **Long Walk to Freedom: The Autobiography of Nelson Mandela**. Boston: Little Brown & Co, 1995.

MARTINS, J. **Educação Antiga: Educação no Egito, Grécia e Roma**. 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/educacao-antiga-educacao-no-egito-grecia-e-roma/22610/>>. Acesso em: 09 out. 2015.

PIAGET, Jean. Os procedimentos da Educação Moral. In: MACEDO, Lino de (Org.). **Cinco Estudos de Educação Moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.